

Woody Allen tem total consciência de que parte do fascínio que seus filmes exercem vem da identificação entre ele e a persona que criou desde a época em que fazia stand up cômicos: neurótico, hipocondríaco, intelectual verborrágico, agnóstico, atrapalhado no amor, etc. Personagens que andam como ele, se vestem como ele, só não são ele. Ou seriam?

Tão apaixonado por Woody Allen quanto por seu suposto alter ego das telas, Elie Cheniaux se debruça de forma minuciosa sobre a vida e obra do ator, diretor e roteirista para investigar até que ponto vão as semelhanças e diferenças. A decupagem criteriosa de seus 50 longas-metragens resultou em um trabalho revelador por parte do autor.

A divisão por temas recorrentes na filmografia de Allen dão uma perfeita noção de como ele os revisita ao longo da carreira e de que maneira refletem aspectos de sua vida pessoal. Ao relembrar, através da descrição de cenas, as diversas neuroses que acometem os personagens allenianos, Cheniaux ao mesmo tempo reconecta o leitor com os filmes de Allen e desperta o desejo de uma revisão, fazendo com que se possa entender melhor a construção dramática dos personagens. A hilária cena do elevador de Misterioso Assassinato em Manhattan, por exemplo, é uma síntese do humor de Allen porque, com apenas 3 planos em 3 minutos, rimos ao reconhecê-lo no discurso sobre claustrofobia, quando demonstra sua fragilidade física, ou quando se vê numa situação imprevisível.

Se na maioria das vezes a leitura nos faz rir só por nos lembrar de cenas antológicas, Cheniaux também não se furta a tratar de temas espinhosos, como por exemplo, a nunca comprovada acusação de assédio

sexual que Allen sofreu por parte de sua filha adotiva Dylan, e de que forma a paternidade e a moral são tratadas em seus filmes.

Antes que o leitor chegue ao seu próprio veredito sobre a pergunta enunciada no título do livro, é bom lembrar que, na condição de psiquiatra, Elie Cheniaux está mais apto a decifrar a psique alleniana dentro e fora das telas, e vai mostrar que o Allen que vemos ou desejamos ver pode ser também uma maneira de nos projetarmos na persona que tanto admiramos. Da minha parte, só posso dizer do alívio que sinto pelo fato de que o cineasta ou escritor travado, em crise criativa, presente em tantos filmes, não tem absolutamente nada a ver com esse genial autor inesgotável que há cinco décadas nos presenteia com uma obra por ano.

Marcelo Janot

Professor e crítico de cinema